

**ATOS
DOS
APÓSTOLOS
EXPLICADO**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

ATOS DOS APÓSTOLOS EXPLICADO

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

ATOS DOS APÓSTOLOS EXPLICADO

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 –
Atos dos Apóstolos Explicado
Jardim do Éden/Suméria, Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 266 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798550656501 Edição 1º

1. Atos dos Apóstolos 2. Bibliologia
3. Hermenêutica bíblica 4. Comentário Bíblico
5. Estudo Bíblico

CDD 220

CDU / 22

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Logo depois de ler a biografia de Jesus de acordo com Mateus, Marcos, Lucas e João, o cristão se depara na ordem dos livros da Bíblia com o livro de ATOS DOS APÓSTOLOS. Os quatro livros biográficos de Jesus levam o leitor da Bíblia ao incrível livro de ATOS, nesta obra do discípulo Lucas, o médico, nós viajaremos na história do cristianismo nos seus anos e décadas após a ascensão de Cristo aos céus.

O livro de Atos tem alguns protagonistas como Pedro, Estevão, Filipe e depois boa parte do livro de Anais apostólicos se dedica a biografia do apóstolo Paulo. Paulo não é um dos doze apóstolos, mas os planos de Deus é assim mesmo, em cada curva, vem uma surpresa, e este fariseu convertido a Cristo se tornaria muito mais do que o mais importante missionário e divulgador do cristianismo através de viagens pioneiras, Paulo através de suas cartas apostólicas iriam dar as bases doutrinarias da Igreja. Comparando os Atos dos Apóstolos e as epístolas paulinas vemos clara simetria de pensamento e revelação que o Espírito Santo vai dando a igreja nos seus primeiros passos.

O livro de Atos dos Apóstolos também é um livro repleto de milagres e ocorrências extraordinárias. Deus nunca deixou de fazer milagres. O extraordinário faz parte de Deus. Deus criou as leis naturais, mas também criou as leis sobrenaturais. Elas não estão em discordância, mas em sintonia. Os homens só precisam do Espírito Santo para girar a chave do natural para o sobrenatural em segundos.

ATOS DOS APÓSTOLOS EXPLICADO

O Evangelho segundo Lucas foi dedicado a Teófilo (“quem ama a Deus”), que representa todos os cristãos. No início de Atos, Lucas escreve: “Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até...” Ressaltamos a palavra *ate* porque, no livro de Atos, estudamos o que Jesus continuou a fazer por intermédio dos seus discípulos. Neste livro, lemos como Jesus cumpriu sua promessa: e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. (Mt 28.20) E como continuou sua obra através do Espírito Santo. Enquanto nos Evangelhos lemos: “E Jesus disse”, no livro de Atos lemos: “E o Espírito disse”. O Espírito é revelado como representante de Cristo, guiando o progresso e a administração da sua Igreja. O livro pode ser chamado: Atos de Cristo mediante seus servos ou Atos do Espírito Santo.

I - O Senhor Faz os Preparativos para a Sua Ascensão (At 1.1-5)

1. *Dando instruções.* Jesus subiu “depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera ”. Estas instruções são registradas em várias passagens, como em Lucas 24.44-49; Mateus 28.19,20; Marcos 16.15-18; João 21; e nos versículos 3-8 deste capítulo' (At 1). Em que sentido as instruções foram dadas mediante o Espírito Santo? A unção que Jesus recebeu no rio Jordão era ilimitada e permanente. Mediante o Espírito, recebeu poder para seu ministério; forças para enfrentar a cruz (Hb 9.14); foi ressuscitado dentre os mortos (Rm 8.1 1); e, no

Pentecoste, batizou a outros no Espírito. A unção ainda estava sobre ele após a ressurreição.

2. Mediante manifestações da vida ressurreta.

“Aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao reino de Deus” (cf. 1 Co 15.5-8).

Se víssemos um farol que parecesse ficar em pé sobre as ondas, saberíamos que haveria, por baixo da construção, um fundamento de rocha. Durante 19 séculos a Igreja permanece em pé como luz para as nações. Qual o seu alicerce? A única resposta satisfatória é; a ressurreição de Cristo. A fé e a religião viva não podem surgir de um cadáver.

Durante 40 dias Jesus revelou-se aos seus discípulos, aparecendo e desaparecendo. Era como se quisesse levá-los gradualmente a perceber que Ele pode estar presente, no Espírito, embora ausente no corpo. Chegou um momento em que os discípulos sabiam que haviam cessado tais aparecimentos. A partir de então teriam de pregar o Evangelho com plena confiança da presença espiritual de Cristo com eles, conforme Ele mesmo prometera: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Foi a ascensão que convenceu os discípulos da verdadeira cidade desta mudança.

3. Dando uma ordem específica.

“E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, [Jo 14.16; J1 2.281 que (disse ele) de

mim ouvistes ". O batismo do Senhor Jesus, no Jordão, foi o sinal para Ele iniciar seu ministério. Assim, também, a Igreja precisava de um batismo que a preparasse a cumprir um ministério de alcance mundial. Não seria o ministério de criar uma nova ordem e, sim, de proclamar aquilo que Cristo já havia realizado. Mesmo assim, só no poder do Espírito Santo poderia tamanha obra ser levada a efeito.

Cristo dirigiu suas palavras a homens que possuíam íntimo relacionamento espiritual com Ele. Já tinham sido enviados a pregar, armados com poderes espirituais específicos (Mt 10.1). A eles fora dito: "Alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus" (Lc 10.20); sua condição moral já tinha sido definida com as palavras: "Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3). Seu relacionamento com Cristo foi ilustrado mediante a figura da videira e dos ramos (Jo 15.5). Eles já conheciam a presença do Espírito nas suas vidas (Jo 14.17); já tinham sentido o sopro do Cristo ressurreto quando ele lhes disse: "Recebei o Espírito Santo".

Mesmo assim deviam esperar a promessa do Pai! Isto nos mostra a importância deste revestimento.

II - Instruções do Senhor com Respeito ao Futuro (At 1.6-8)

"Aqueles pois que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?" Os apóstolos, como seus compatriotas, tinham associado o ministério do Messias com o imediato e visível aparecimento do Reino de Deus, com um estrondo de força material em fulgor externo (Lc 19.11; 24.21). Conceitos do Reino, mais terrestres do que

celestiais, afetavam suas condutas e os levaram a disputas ambiciosas. Cada qual visando a preeminência. Boa parte dos ensinamentos de Cristo visava limpar a mente deles de falsos conceitos acerca do Reino. No entanto, só o tremendo choque do Calvário conseguiu tirar-lhes as ilusões com respeito a um reino material. Agora, sendo instruídos pelo Cristo ressurreto, entendiam melhor o seu Reino. Contudo, seus corações judeus ainda os impulsionam a perguntar: “Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel?” Ainda pensavam em termos de uma só nação. O Senhor, em resposta, fez com que erguessem seus olhos para ver todas as nações. Esta resposta contém quatro

1. *A estreita limitação do conhecimento humano acerca do futuro.* “Não vos pertence saber os tempos ou as estações...” Existem muitas coisas que nossas mentes querem perscrutar, mas pertencem exclusivamente aos planos de Deus (cf. Dt 29.29; Mc 13.33; 1 Co 13.9; 1 Jo 3.2).

2. *As mãos seguras que dirigem o futuro.* Os tempos e épocas estão nas mãos de Deus: “O Pai estabeleceu pelo seu próprio poder” (cf. Mc 13.32). Embora não saibamos o futuro com respeito aos eventos mundiais e às nossas vidas, não precisamos ficar ansiosos. O desconhecido fica muito bem nas mãos do Mestre.

3. *Forças suficientes para enfrentar o futuro.* “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós...” Poder para enfrentar o futuro - isto vale muito mais do que detalhados conhecimentos sobre o porvir.

4. *O dever prático com respeito ao futuro.* “E ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a

Judéia e Samaria, e até aos confins da terra”. Estas palavras definem o ministério primário de cada crente: ser testemunha da pessoa de Jesus, daquilo que Ele fez para os homens e para a própria testemunha. “Testemunhar” é um dos conceitos fundamentais do livro dos Atos (ver 1.22; 10.39,41- 44; 13.31; 4.33; 22.15; 26.16).

III - Ascensão do Senhor (At 1.9-11)

7. *O ato da partida.* “E quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos”. A partida de Jesus não causou tristeza aos discípulos. Eles sabiam que o Espírito Santo viria em seguida, e lhes seria, de forma invisível, o que seu Mestre havia sido de forma visível: “Vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vos-lo-ei” (Jo 16.7). Enquanto os discípulos olhavam seu Mestre subindo, talvez pensassem: *Quão grande e rico dom deve ser o Consolador! Se sua presença custa a ida do Mestre!* O Espírito Santo não iria comunicar à Igreja o Cristo terrestre, e sim o celestial, que voltou a ser investido da glória que tinha com o Pai antes que houvesse mundo. Equipado com os infinitos tesouros da graça que Ele comprara mediante sua morte na cruz.

2. *A promessa da sua vinda.* “E estando com os olhos fitos no céu, enquanto Ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu?” A lembrança da origem dos discípulos, a Galiléia, fê-los ter em mente a sua chamada, recebida na Galiléia, e do seu conseqüente dever de seguir e obedecer.

“Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir”. Estas palavras claras desfazem qualquer teoria modernista que alega ser a propagação da civilização cristã o cumprimento total da promessa sobre a segunda vinda. Aqui temos a profecia da vinda pessoal e visível do Senhor.

Este trecho (At 1.1-11) tem grande alcance, abrangendo: a vida de Cristo (v. 1), sua morte (v. 3), ressurreição (v. 3), Reino (vv. 4,5,8), ascensão (vv. 9-11) e segunda vinda (v. 11).

IV - Ensinaamentos Práticos

1. A religião em atos e palavras. O Evangelho segundo Lucas narra o que Jesus “fez e ensinou”. Sua vida se dividia entre ações e doutrinas, milagres e verdades, maravilhosos sinais e revelações. Cumpria sua vida religiosa e a ensinava; ensinava a vida religiosa e a vivia. E nisto Ele é nosso exemplo.

A vida cristã equilibrada é uma combinação de vida e luz, obra e palavra. Se agirmos sem ensinar, nossa vida será um mistério, inexplicável para os que gostariam de saber o motivo de nossas ações. Se ensinarmos sem viver à altura, tornamo-nos em pedra de tropeço (Mt 23.1-3).

A demonstração é o melhor método de ensino. Se praticarmos as virtudes que ensinamos, seremos verdadeiros líderes. A verdadeira liderança não consiste em mostrar o caminho, porém em andar e convidar outros a nos seguir ao longo dele.

Devemos nos deixar inspirar por Esdras, que “tinha preparado o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus direitos” (Ed 7.10).

2. *Os males de fixar datas.* “Não vos pertence saber os tempos ou as estações...” Muitos males têm sido feitos ao estudo das profecias e à causa de Deus por pessoas bem intencionadas, que fixaram datas para a vinda do Senhor. Professando-se sábias com respeito aos tempos e às épocas, tornaram-se insensatas, e deram motivo para os descrentes zombarem e os crentes ficarem perplexos.

Quando olhamos as estrelas no céu limpo não sabemos calcular sua distância; a promessa da segunda vinda é como uma estrela para nos guiar, sem, porém, haver um cálculo exato quanto à sua distância. Devemos ser admiradores das estrelas sem querermos nos avultar como calculadores de sua exata distância. Devemos estar vigiando quando da volta do Senhor, mas sem nos perdermos em previsões.

3. *O Senhor sabe o que é melhor para nos.* Os discípulos receberam como resposta uma promessa e uma comissão. Não a satisfação da sua curiosidade. O que pediam não era assunto para eles, por isso não lhes foi concedido. Foi-lhes concedido, porém, o que realmente necessitavam. Deus age conosco do modo como tratamos nossos filhos.

Tiago e João pediram os lugares de maior destaque no Reino; Jesus, em resposta, ensinou-lhes as qualificações para se atingir tais posições. Paulo suplicou a remoção do espinho na carne; o Senhor respondeu com

garantias de que sua graça lhe bastaria. Moisés pediu a morte para aliviar seu fardo; o Senhor, porém, lhe concedeu setenta ajudantes. Elias orou para que sua vida fosse tirada. O Senhor lhe deu descanso, comida... e mais trabalho.

Muitas vezes não sabemos como orar, nem o que pedir. O Senhor, porém, sabe quais são nossas verdadeiras necessidades. Se ele nos recusa alguma coisa é a fim de nos dar algo melhor.

4. *A arte de esperar.* Os discípulos tinham de esperar a promessa em Jerusalém. Há várias maneiras de esperar. O servo infiel o faz com a esperança de que o senhor vai demorar. Existe um tipo de espera que significa acomodar-se, sem fazer esforços físicos ou mentais. A verdadeira espera inclui:

4.1. *Expectativa.* Aguardar com tanta boa vontade que a mente fique sempre mais cheia de esperanças. É como o servo aguardando o mestre, a esposa ao marido, a mãe aguardando a volta do filho. Esperar como o comerciante aguardando a vinda do seu navio carregado de mercadorias, o marinheiro procurando ver a terra, o rei desejando notícias da batalha. São casos em que a mente se firma num só objetivo e dificilmente pode prestar atenção a outra coisa.

4.2. *Oração.* A espera exige quietude e paciência. Muitos de nós, porém, nos deixamos levar pelo espírito inquieto dos nossos dias. Quando Daniel orava, Gabriel veio rapidamente (Dn 9.21). Hoje em dia teria de se apressar muito para ainda nos pegar de joelhos!

4.3. *Consagração.* Devemos descobrir em qual direção Deus está guiando as coisas. E remover do

caminho tudo quanto há em nós que possa impedir sua obra.

5. *A arte de testemunhar.* “E ser-me-eis testemunhas...” Ruskin disse certa vez: “A coisa mais grandiosa que a alma humana pode fazer neste mundo é ver algo, e contar aos outros o que viu, de forma singela e clara”. De acordo com este pensamento, certamente a coisa mais grandiosa da vida é perceber a beleza de Jesus e falar aos outros sobre Ele. Um estudo do livro de Atos mostra que o testemunhar é a forma mais antiga de pregação. Os apóstolos contavam tudo quanto sabiam acerca de Jesus, e os convertidos contavam o que Jesus fizera por eles.

A testemunha no foro é submetida ao interrogatório. E nós, como testemunhas do Senhor, somos submetidos a semelhantes interrogatórios por parte do mundo. As pessoas, depois de ouvirem nosso testemunho, prestam atenção em nossa conduta para então, mentalmente, calcular o relacionamento entre o que falamos e vivemos.

6. *Começando em Jerusalém.* Sentimos uma vocação para ir a um campo missionário estrangeiro? O melhor teste da nossa vocação é nosso zelo espiritual pelo próximo, aqui, onde moramos. Se não estamos sendo uma bênção para as pessoas cuja língua e costumes conhecemos, dificilmente uma viagem marítima operará essa transformação milagrosa.

O amor que transformará o mundo tem que começar em casa. embora não termine ali.

7. *A fé que ressuscita.* A vida cristã que agora vivemos é de tal qualidade que nossa ressurreição seria a conclusão lógica e natural dela? Já estamos assentados

com Cristo nos lugares celestiais? (Gn 5.24; Hb 11.5).
Nossas afeições se fixam nas coisas que estão no alto?

8. *Fitando sem proveito.* Os discípulos não deviam ficar com os olhos fitos no céu. Jesus voltaria mais tarde. Nesse ínterim, haveria o serviço de Cristo para fazer. A contemplação que não nos leva a enfrentar os deveres cristãos com zelo e ardor não têm proveito. O Novo Testamento tem muitos mistérios transcendentais, tais como a Trindade, a encarnação da divindade, a expiação e outros. Existe o perigo de nos ocuparmos com os mistérios da Trindade e nos esquecermos do próprio Senhor. De nos dedicarmos ao estudo da expiação que venhamos a nos esquecer daqueles pelos quais Jesus morreu.

A comunhão com o Senhor e a adoração em conjunto com o povo de Deus muitas vezes trazem experiências arrebatadoras. Segundo o plano de Deus, as emoções assim despertadas visam o propósito de nos inspirar às ações. Sentimentos que evaporam sem produzir frutos, levam certamente ao fracasso quanto ao exercício da energia espiritual.

Depois da transfiguração. Jesus levou seus discípulos ao vale, onde lhes aguardava trabalho espiritual. Sempre há um caminho que leva do monte da visão ao vale do serviço.

A Vinda do Espírito Santo
Texto: Atos 1.12-2.13

Introdução

ATOS DOS APÓSTOLOS EXPLICADO

O rei Davi planejou a edificação do Templo e reuniu os materiais necessários. Mas foi Salomão, seu sucessor, quem o erigiu (1 Cr 29.1,2). Jesus igualmente planejou a Igreja durante seu ministério terreno (Mt 16.18; 18.17). Preparou os materiais humanos, porém deixou ao seu sucessor e representante, o Espírito Santo, o trabalho de erigi-la. Foi no dia de Pentecoste que esse templo espiritual foi construído e cheio da glória do Senhor (cf. Êx 40.34.35; 1 Rs 8.10.11; Ef 2.20,2). O dia de Pentecoste era o aniversário da Igreja, e o cenáculo, o local do seu nascimento.

I - O Dia

“E, cumprindo-se o dia de Pentecostes...” O nome “Pentecoste” (derivado da palavra grega “cinquenta”) era dado a uma festa religiosa do Antigo Testamento. A festa era assim denominada por ser realizada 50 dias após a Páscoa (ver Lv 23.15-21). Observe sua posição no calendário das festas. Em primeiro lugar festejava-se a Páscoa. Nela se comemorava a libertação de Israel no Egito. Celebravam a noite em que o anjo da morte alcançou os primogênitos egípcios, enquanto o povo de Deus comia o cordeiro em casas marcadas com sangue. Esta festa tipifica a morte de Cristo, o Cordeiro de Deus, cujo sangue nos protege do juízo divino.

No sábado, após a noite de Páscoa, os sacerdotes colhiam o molho de cevada, previamente selecionado. Eram as primícias da colheita, que deviam ser oferecidas ao Senhor. Cumprido isto, o restante da colheita podia ser ceifado. A festa tipifica Cristo, “as primícias dos que dormem” (1 Co 15.20). O Senhor foi o primeiro ceifado dos campos da morte para subir ao Pai e

nunca mais morrer. Sendo as primícias, é a garantia de que todos quantos nele crêem segui-lo-ão pela ressurreição, entrando na vida eterna.

Quarenta e nove dias eram contados após o oferecimento do molho movido diante do Senhor. E no quinquagésimo dia - o Pentecoste - eram movidos diante de Deus dois pães. Os primeiros feitos da ceifa de trigo. Não se podia preparar e comer nenhum pão antes de oferecer os dois primeiros a Deus. Isto mostrava que se aceitava sua soberania sobre o mundo. Depois, outros pães podiam ser assados e comidos. O significado típico é que os 120 discípulos no cenáculo eram as primícias da igreja cristã, oferecidas diante do Senhor por meio do Espírito Santo, 50 dias após a ressurreição de Cristo. Era a primeira das inúmeras igrejas estabelecidas durante os últimos 19 séculos.

O Pentecoste foi a evidência da glorificação de Cristo. A descida do Espírito era como um “telegrama” sobrenatural, informando a chegada de Cristo à mão direita de Deus. Também testemunhava que o sacrifício de Cristo fora aceito no Céu. Havia chegado a hora de proclamar sua obra consumada.

O Pentecoste era a habitação do Espírito no meio da Igreja. Após a organização de Israel, no Sinai, o Senhor veio morar no seu meio, sendo sua presença localizada no Tabernáculo. No dia de Pentecoste, o Espírito Santo veio habitar na Igreja, a fim de administrar, dali, os assuntos de Cristo.

II - O Local (At 1.12-14)

“Estavam todos reunidos no mesmo lugar”. O horário era antes das nove da manhã (a hora do culto matutino). O lugar era o cenáculo (At 1.14) numa casa particular, local regular para a observância de festas religiosas, tais como a Páscoa. Embora esses crentes provavelmente freqüentassem as reuniões de culto três vezes por dia no Templo, também gastavam muito tempo no cenáculo, onde “perseveravam unânimes em oração”.

Cada grupo presente nos sugere uma verdade. Os apóstolos, que seguiram a Jesus desde o início, eram as verdadeiras colunas da Igreja (Ef 2.20). Judas estava ausente. É possível seguir a Jesus durante anos e ainda perder a bênção suprema. As mulheres no meio do grupo eram heroínas anônimas da fé (ver Lc 8.2,3). Maria, a mãe de Jesus, foi revestida pelo Espírito Santo para que desse à luz a Cristo. Agora, ela esperava outro derramamento que traria a lume o Cristo espiritual. Os irmãos de Jesus, embora não cressem nele antes (Jo 7.5), agora humildemente se submetem ao Irmão e o reconhecem como Senhor.

III - O Som

“E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”. Foi como se uma tempestade tivesse entrado na casa sem continuar o seu caminho. O vento é um conhecido símbolo do Espírito Santo (Ez 37.1-14; Jo 3.8). O vento, representante do sopro divino, encheu primeiro o cenáculo, a casa de Deus, e em seguida os indivíduos que adoravam. Passou, então, a se espalhar pela terra em poder vivificante. Como na criação,

quando o Espírito do Senhor pairava sobre as águas (Gn 1.2). Podemos imaginar o Cristo glorificado, em pé, à mão direita de Deus, soprando sobre os 120 e dizendo: “Recebei o Espírito Santo ” (Jo 20.22; cf. 1 Co 15.45).

IV - A Visão

“E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo. as quais pousaram sobre cada um deles.” Esta manifestação deve ter feito os discípulos lembrarem-se das palavras de João Batista: “Batizará com o Espírito Santo, e com fogo”. Diante dos seus olhos estava a evidência física do cumprimento desta profecia. E qualquer judeu entenderia muito bem que o fogo proclamava a presença de Deus, trazendo à memória incidentes, como a sarça ardente (Êx 3.1,2), o fogo no monte Carmelo (1 Rs 18.36-38), o pilar de fogo no deserto e a vocação de Ezequiel (Ez 1.4). As línguas de fogo se assentando em cada um deles indicava que surgia uma nova dispensação. O Espírito de Deus já não seria concedido à comunidade como um todo, e sim a cada membro individualmente. A forma do fogo, em línguas, indicava que o dom de línguas sobrenaturais tinha sido outorgado a esta companhia de pessoas.

O Espírito, como o fogo, dá luz, purifica, dá calor e propaga-se.

V - O Falar em Línguas

Apareceu em seguida a realidade da qual o vento e o fogo eram símbolos: ‘E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem’. Notemos

alguns fatos importantes sobre o falar em línguas. O que produz esta manifestação? O impacto do Espírito de Deus sobre a alma humana. É tão direto e com tanto poder, que a pessoa fica extasiada, falando de modo sobrenatural. Isto pelo fato de a mente ficar totalmente controlada pelo Espírito. Para os discípulos, era evidência de estarem completamente controlados pelo poder do Espírito prometido por Cristo. Quando a pessoa fala uma língua que nunca aprendeu, pode ter a certeza de que algum poder sobrenatural assumiu o controle sobre ela. Alguns argumentam que a manifestação do falar em línguas limitou-se à época dos apóstolos. Aconteceu para ajudá-los a estabelecer o Cristianismo. uma novidade naquela época. Não existe, no entanto, limites à continuidade dessa manifestação no Novo Testamento. Mesmo no quarto século depois de Cristo, Agostinho, o notável teólogo do Cristianismo, escreveu: “Ainda fazemos como fizeram os apóstolos, quando impuseram as mãos sobre os samaritanos, invocando sobre eles o Espírito mediante a imposição das mãos. Espera-se por parte dos convertidos que falem em novas línguas.” Ireneu (115-202 d.C.), notável líder da Igreja, era discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João. Ireneu escreveu: “Temos em nossas igrejas muitos irmãos que possuem dons espirituais e que, por meio do Espírito, falam toda sorte de línguas”. A *Enciclopedia Britanica* declara que a glossolalia (o falar em línguas) “ocorreu em reavivamentos cristãos durante todas as eras; por exemplo, entre os frades mendicantes do século XIII, entre os jansenistas e os primeiros *quaquers*, entre os convertidos de Wesley e Whitefield, entre os protestantes perseguidos de Cevennes, e entre os